

# Sarney promete maior afinidade partido-governo

Da sucursal de  
BRASILIA

"O relacionamento do governo com seu partido não pode mais, em face da nova realidade política brasileira, ser caracterizado pela dicotomia governo-partido. O partido do governo deve ter como programa as metas governamentais e o governo deve agir em inteira sintonia com ele." É o pensamento expresso pelo ex-presidente da extinta Arena, senador José Sarney, dado como provável dirigente da nova agremiação governista, a se chamar PD ou PDS.

A melhoria do relacionamento do governo com deputados e senadores que lhe darão sustentação político-parlamentar no Congresso é condição essencial para o êxito do próprio projeto da abertura política, segundo outros experientes parlamentares.

Para eles, assim, o PD ou PDS será prestigiado pelo Palácio do Planalto, não tendo por que repetir as mesmas demonstrações de insatisfação da Arena uma vez que, a partir de 1980, "haverá maior politização do governo, atingindo agora o segundo escalão da administração pública". Estaria próxima a volta da parceria dos políticos no governo, de que fala o ministro da Justiça, Senador Petrônio Portella, que existiu até 1964 e que foi encerrada, após os acontecimentos de 1968.

Prudentemente, porém, os ex-arenistas mais influentes se recusam a encampar a tese do presidente do Senado, Lutz Vianna Filho, para quem a reforma partidária deverá seguir-se a reforma ministerial, objetivando melhor entrosamento do governo com as forças que lhe dispensarão apoio no Congresso. Na defensiva, eles assinalam que, do ponto de vista do ministro, há razoável boa vontade para com os pleitos e reivindicações dos políticos.

O ministro mais criticado pela extinta Arena era o do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, seguido de Camilo Fenna, da Indústria e Comércio, pelo seu desinteresse pela vida político-partidária. Mas as maiores queixas mesmo se dirigem contra a chamada tecnoburo-

cracia, o segundo escalão da administração federal que, segundo afirmam, mantém a mesma postura dos tempos do AI-5.

## QUEIXAS

Durante este ano, no quadro da abertura política, as reuniões mensais da bancada federal da Arena foram quase todas marcadas por veementes críticas de seus integrantes à tecnocracia e, às vezes, a alguns ministros. Simonsen deixou a Pasta do Planejamento, no segundo semestre, dando como derradeiro pretexto para tal a virulência das críticas recebidas, num desses encontros.

Nessas reuniões, o ministro mais elogiado foi geralmente Jair Soares, da Previdência Social. Apesar de haver escolhido seus auxiliares diretos entre velhos comandantes de equipe do Governo do Rio Grande do Sul, ele dividiu os comandos regionais das repartições a ele subordinadas com as respectivas bancadas arenistas.

## GOVERNADORES

A expectativa do Palácio do Planalto, segundo parlamentares situacionistas, é de que os governadores dos Estados se associem ao mesmo esforço de integração.

Porque, como lembram, os principais ressentimentos dos deputados e senadores têm origem no distanciamento e até na hostilidade dos governadores para com as bancadas federais do próprio partido. O parlamentar, que se sente molestado nas bases, tende a agir contrariamente aos interesses das proposições do governo central, a fim de chamar a atenção para as dificuldades que enfrenta.

Acredita-se no Congresso que os governadores dos Estados farão todo o esforço para não criar tais problemas no PD ou PDS — partido que substituirá a Arena —, a fim de não gerar dificuldades para a tramitação de projetos do presidente João Figueiredo. Registram que o próprio trabalho de arregimentação de forças para a nova agremiação já importam em concessões e mudança de tratamento para com os parlamentares.